

FICHA DE EXPECTATIVA DE RESPOSTA DA PROVA ESCRITA

CONCURSO	
Edital:	026/2019 (01/10/2019)
Carreira:	PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Unidade Acadêmica:	CCSA - DEPARTAMENTO DE ECONOMIA - DEPEC
Área de Conhecimento:	HISTÓRIA ECONÔMICA GERAL/HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO PARA TODAS AS QUESTÕES DISCURSIVAS
Clareza e propriedade no uso da linguagem
Coerência e coesão textual
Domínio dos conteúdos, evidenciando a compreensão dos temas objeto da prova
Domínio e precisão no uso de conceitos
Coerência no desenvolvimento das ideias e capacidade argumentativa

Questão 1: Valor (0,00 a 5,00)

Nas últimas décadas do século XIX o pensamento econômico passará por uma fundamental transformação. Trata-se, no caso, do surgimento de um novo paradigma - marginalista/neoclássico - em contraposição ao antigo paradigma da Economia Política Clássica bem como em contraposição ao legado de Marx. Quais os principais contornos desse novo paradigma e no que ele se diferencia do paradigma antigo, enfatizando-se sua abordagem, sua metodologia, sua concepção de valor e de distribuição da renda?

Resposta Esperada:

Se na abordagem do antigo paradigma da Economia Política Clássica havia destaque para questões como o crescimento e a expansão de novos mercados, o processo de acumulação de capital e sua dinâmica, agora a ênfase há de recair sobre fatores como a alocação de recursos dados, o uso alternativo de recursos em situação de escassez e a determinação de equilíbrio em determinados mercados (equilíbrio parcial) ou no conjunto da economia (equilíbrio geral).

- Tal mudança analítica fará do utilitarismo e do princípio da utilidade o fundamento do conjunto das ações humanas. As atividades dos indivíduos devem sempre estar imbuídas da busca da maior satisfação possível a partir de um contexto econômico dado. Ligado a isso, parte-se da suposição de que os indivíduos são racionais, conhecem os dados da realidade e que assim logram calcular os ganhos e perdas de suas decisões.

- Diante desse pano de fundo, Jevons formalizará o princípio fundamental de utilidade marginal decrescente que indica que os indivíduos estarão dispostos a trocar bens até que, na margem, se tornem indiferentes em termos de ganho de satisfação com a troca de mais uma unidade. O paradigma neoclássico há de transpor este mesmo comportamento otimizador e maximizador analisado na esfera do consumo para a esfera de produção. Como, no curto prazo, ao menos, há de imperar a produtividade marginal decrescente, o mesmo comportamento otimizador e maximizador há de ser transposto para a escolha dos fatores de produção. Com isso, o conjunto da economia passa a ser analisado a partir do mesmo princípio utilitário de maximização e otimização.

- Tal abordagem terá como corolário no novo paradigma o individualismo metodológico. Ao contrário da ênfase da Economia Política Clássica em grupos, classes e determinadas instituições, a análise é deslocada para as atividades e comportamentos individuais e a totalidade econômica passa a ser remetida para o resultado agregado de tais atividades e comportamentos. Ou seja, o sistema econômico enquanto tal passa a ser entendido como a soma das múltiplas atividades de indivíduos e empresas.

- São estas atividades e comportamentos individuais, portanto, que passarão agora sob o alvar de modelos formalizados e cálculos quantitativos dentro do novo paradigma. O marginalismo passa a demandar um uso mais intensivo da matemática nas suas formulações, o que terá como desdobramento a larga utilização do cálculo diferencial e integral na ciência econômica a partir de então. Ao mesmo tempo, pretende-se aproximar a ciência econômica da exatidão formal das demais ciências naturais, através da formulação de leis e preceitos que superassem aquilo que era considerado como inexacto e arbitrário no antigo paradigma da Economia Política Clássica. Ligado à tal esforço de formalização e de equiparação da Economia às ciências exatas e naturais se encontra o postulado de neutralidade normativa da ciência econômica, ou seja, tratar-se ia de uma ciência isenta de valores, da política e do jogo de interesses na sociedade e que, portanto, se ocuparia meramente de uma análise puramente objetiva das relações econômicas. Não à toa, com o novo paradigma, o próprio nome antigo da ciência "Economia Política" passa a dar lugar para a nova qualificação de "Economics".

- Coerente com tais transformações, o novo paradigma há de operar uma profunda ruptura na sua apreensão do valor das mercadorias. Ao contrário do critério objetivo de valor do antigo paradigma, assentado no trabalho humano, agora trata-se de um critério subjetivo, a saber, a teoria do valor-utilidade. Os valores são "subjetivos" na medida em que surgem de um processo de escolha: um objeto tem valor se ele for desejado, se ele satisfizer necessidades materiais ou espirituais dos indivíduos. Tal princípio subjetivo implica que um valor é tal porque expressa uma finalidade humana, alguma utilidade revelada através de sua livre-escolha em mercados. Na concepção oposta da Economia Política Clássica, o valor era tido como algo "objetivo", isto é, valor objetivo, os valores existem independentemente das escolhas individuais.

- Uma consequência imediata e importante da abordagem neoclássica/marginalista em relação a questão do valor é que a teoria da distribuição da renda se torna um caso especial da teoria do valor, um problema de determinação do preço dos serviços dos fatores produtivos em vez de um problema oriundo da divisão da renda entre as distintas classes e grupos sociais. As concepções antigas de excedente (ou de mais-valia baseada na exploração do trabalho abstrato como em Marx) dão lugar a uma apreensão na qual indivíduos seriam então remunerados em função da produtividade marginal dos fatores de produção

que vendem no mercado (p.ex, capital que recebe juros ou trabalho que recebe salários). Tudo se passaria como se os donos dos fatores de produção fossem remunerados a partir da contribuição efetiva com que contribuem para o processo produtivo, dissolvendo-se, desta feita, o problema do excedente e deslocando a questão da distribuição para uma questão de alocação eficiente e competitiva de recursos produtivos, dadas as preferências dos consumidores. O próprio lucro normal, passa a aparecer, nesta nova formulação, como uma espécie de custo que representaria o esforço empresarial em coordenar a produção.

Questão 2: **Valor (0,00 a 5,00)**

Há duas determinantes a serem levadas em conta na análise do pleno desenvolvimento do capitalismo nas diferentes regiões: o desenvolvimento do capitalismo em nível mundial e as condições locais. Se os países da primeira onda de industrializações atrasadas já não puderam reproduzir o desenvolvimento orgânico da Inglaterra, nas nações da segunda onda, a descontinuidade do processo de constituição do capitalismo apresentava-se muito mais acentuada. Discorra sobre os determinantes externos e internos do desenvolvimento das industrializações atrasadas da primeira onda (aquelas que se industrializaram durante o capitalismo concorrencial) e da segunda onda (aquelas que se industrializaram na transição do capitalismo concorrencial para o monopolista)

Resposta Esperada:

I - Determinantes externos

a) quando da 1ª onda de industrializações atrasadas (EUA, França, Alemanha): tecnologia da I RI, o capitalismo em sua etapa concorrencial, liberalismo (livre cambismo e livre concorrência).

b) quando da 2ª onda de industrializações atrasadas (Rússia e Japão): tecnologia da II RI, a fase de transição para o capitalismo monopolista (1873-1896), hegemonia inglesa já na fase de acirramento da competição internacional (imperialismo) e protecionismo.

c) capitalismo concorrencial: tecnologia simples, modestas dimensões das plantas industriais e reduzidos montantes de capitais exigidos para os investimentos, a empresa familiar, crescimento financiado por reinvestimento de lucros próprios e por crédito corrente concedido por bancos e outros agentes financeiros (ou seja, capital de curto prazo, não havia necessidade de se constituírem em sociedades anônimas)

d) Nova ordem mundial (no capitalismo concorrencial): Grã Bretanha interessada no livre cambismo e livre concorrência. Resultado: a adoção do livre-cambismo podia propagar o dinamismo da economia inglesa em âmbito mundial, pois o livre acesso ao mercado mundial (de mercadorias, de dinheiro e de força de trabalho), que era impulsionado pela expansão do capitalismo inglês, abria aos diferentes países novas possibilidades de expansão econômica.

e) Resultado das características do capitalismo mundial (capitalismo concorrencial) para as industrializações atrasadas da primeira onda: tornam viável o surgimento de novos capitais individuais

- Segunda onda de industrializações atrasadas ocorre ao longo do período da Grande Depressão . Nesse período, o kismo entra em nova fase: há a II RI, o livre cambismo cede espaço ao protecionismo, a livre concorrência vai cedendo espaço para a centralização de ks nos países capitalistas.

- Tecnologia da II (aço, etricidade, motor a combustão interna, química pesada: tecnologia já não era difundida por homens práticos, mas resultava da aplicação consciente de conhecimentos científicos nos processos produtivos. Grandes plantas, necessidade de concentração de capitais.

- Apesar dos avanços no processo de centralização de capitais, os monopólios ainda não eram generalizados e as empresas individuais típicas do capitalismo concorrencial ainda dominavam a estrutura econômica. Por outro lado, também o novo padrão tecnológico ainda não era dominante.

II) Como industrializações atrasadas puderam industrializar-se?

- papel ativo do ESTADO
- Sociedades Anônimas.
- importação de capital estrangeiro (sobretudo inglês)
- desenvolvimento dos bancos de investimento

C) No capitalismo atrasado, mas ainda da primeira onda, o desenvolvimento já não é tão orgânico (como no capitalismo originário, isto é, da Inglaterra), mas os saltos de uma estrutura de um capitalismo mercantil para o industrial não é tão grande e há uma tendência a homogeneização das estruturas. No capitalismo atrasado na 2ª onda, o "salto" tem que ser maior, tanto é que vai ser necessária a atuação do Estado para permitir a concentração de capital necessária.

- Na primeira onda de industrialização atrasada, ainda que contando com o apoio do Estado, a burguesia, por meio de sua ação econômica (a formação das sociedades por ações, os bancos de investimento etc), pôde implantar a grande indústria pela mobilização de seus capitais. Nas industrializações da segunda onde (Rússia e Japão), o maior atraso relativo tornava a burguesia incapaz de mobilizar os capitais necessários, e, por isso mesmo, o financiamento da industrialização dependeu diretamente do Estado.

Ocorrências:

A realização da prova escrita iniciou as 8:20h do dia 05/09/2021 e se encerrou quatro horas depois, as 12:20, com a presença de nove candidatos, identificados na ata de sorteio da prova didática.

Assinado digitalmente em
07/09/2021 00:14

ROGÉRIO ARTHMAR
PRESIDENTE

Assinada digitalmente em
07/09/2021 00:21

DANIEL AUGUSTO FELDMANN
1º EXAMINADOR

Assinado digitalmente em
07/09/2021 00:22

CLAUDIA ALESSANDRA TESSARI
2º EXAMINADOR